

Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê

Aryon Dall'Igna Rodrigues

O tronco linguístico Macro-Jê

Como um conjunto de famílias linguísticas geneticamente relacionadas, o tronco Macro-Jê tem ainda um caráter bastante hipotético. Doze famílias estão sendo por mim consideradas prováveis integrantes desse tronco, a saber, Jê, Maxakalí, Krenák, Kamakã, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató, Rikbaktsá (Rodrigues 1986:47-56 e 1999b:167-168). Algumas dessas famílias já não têm mais nenhuma língua viva (Kamakã, Purí, Karirí), de outras apenas uma língua subsiste (Maxakalí, Krenák, Yatê, Ofayé, Guató, Rikbaktsá). De todas elas, entretanto, há documentação, se bem que para algumas muito escassa e precária. Uma apresentação geral das doze famílias, com as respectivas línguas e traços gerais de suas fonologias e gramáticas, assim como referências bibliográficas, encontra-se em Rodrigues (1999b).

Flexão relacional

O que temos chamado de *flexão relacional* é uma das características morfológicas das línguas da família Tupí-Guaraní. Como neste simpósio a Dra. Ana Suelly A. C. Cabral trata especificamente desse sistema de flexão, limito-me aqui a resumir os traços morfológicos essenciais do mesmo. Este consiste num jogo de dois a quatro prefixos que ocorrem nos nomes, nos verbos e nas posposições para indicar o *status* sintático destes em relação a seus determinantes ou dependentes. Nas línguas em que há só dois prefixos, um destes, a que aqui chamo de *prefixo 1*, indica que o determinante está expresso nominalmente no sintagma de dependência e, assim, está adjacente ou contíguo, isto é, precede imediatamente ao determinado, que é o núcleo desse sintagma; o outro, o *prefixo 2*, indica o contrário, a saber, que o determinante foi removido do sintagma de dependência e, por isso, não precede imediatamente o respectivo núcleo, que é o determinado, e, assim, não lhe está estruturalmente contíguo, ainda que na superfície possa aparecer justaposto. Além desses dois

prefixos, pode ocorrer um terceiro, o *prefixo 3*, o qual indica que o determinante não contíguo é correferente do sujeito da oração em que se acha o sintagma de dependência; nas línguas que têm esse *prefixo 3*, o *prefixo 2* implica que o determinante não tem a mesma referência que o sujeito da oração. Por fim, há línguas que têm mais um prefixo, o *prefixo 4*, o qual também indica que o determinante não está contíguo e não é correferente do sujeito da oração, mas é, além disso, um ser humano indeterminado; nas línguas que têm o prefixo 4, o prefixo 2 implica, por *default*, i. é, não havendo nenhuma explicitação do determinado, que este é não humano.

A família Tupí-Guaraní faz parte do tronco linguístico Tupí, o qual compreende mais nove outras famílias de línguas (algumas delas com uma só língua): Arikém, Awetí, Jurúna, Mawé, Mondé, Mundurukú, Puruborá, Ramaráma e Tuparí (Rodrigues 1986, 1999a). Em algumas destas tem sido encontrada também a flexão relacional, a saber na Mawé, na Mundurukú e na Tuparí. Neste simpósio Dionei Moreira Gomes tratou da presença de prefixos relacionais na língua Mundurukú e, paralelamente, em uma sessão de painéis Poliana M. Alves apresentou a flexão relacional da língua Tuparí.

Flexão relacional em Tupí-Guaraní

As línguas de algumas famílias do tronco Macro-Jê apresentam fenômenos análogos aos da flexão relacional do tronco Tupí. Considerando que na família Tupí-Guaraní os nomes, os verbos e as posposições se distribuem em duas classes paradigmáticas, I e II, segundo os alomorfes dos prefixos da flexão relacional, a morfologia das formas relacionais dessa família, para nossos fins comparativos, pode ser esquematicamente representada, no que toca aos prefixos 1 e 2, da seguinte forma, exemplificada com os principais alomorfes nas línguas Tupinambá e Guaraní antigo:

	Tupinambá		Guaraní antigo	
	Classe I	Classe II	Classe I	Classe II
	Temas em V e C		Temas em V e C	
	Temas em V		Temas em V	
1. Contiguidade	*Ø-	*r-	*Ø-	*r- ~ n-
2. Não contiguidade	*i- ~ j-	*s-	*i- ~ j-	*h-

Flexão relacional em Macro-Jê

Em algumas famílias do tronco Macro-Jê, tais como a Jê (ramo setentrional), a Ofayé, a Karajá e a Maxakalí, há línguas que apresentam fenômenos análogos aos da flexão relacional do tronco Tupí; em algumas outras, tais como a Karirí e a Boróro e os ramos central e meridional da Jê, há vestígios da existência de tal flexão no passado.

Família Jê

Ramo setentrional da família Jê. O ramo da família Jê que aqui chamo de setentrional compreende as línguas Timbira (Canela, Krahô, Gavião, etc.), Apinajé, Kayapó (Mebengokré, Xikrín), Panará e Suyá. Esse ramo contrasta com o central (Xavánte, Xerénte) e com o meridional (Kaingáng, Xoklém). Em Panará e em Timbira, por exemplo, temos a seguinte situação:

	Panará		Timbira	
	Classe I	Classe II	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V	Temas em C	Temas em V
1. Contiguidade	Ø-	j-	Ø-	j~ ts-
2. Não contiguidade	i ~ Ø-	s-	i ~ ku- ~ Ø-	h-

Esses prefixos da flexão relacional são ilustrados nos exemplos (a)-(f) do Panará e (g)-(l) do Timbira (nas glosas a abreviatura **C** é usada para o prefixo relacional de contiguidade e a abreviatura **N** para o de não contiguidade):

Panará (dados de L. G. Dourado em comunicação pessoal)

- (a) *soti j-akoa* (animal c-boca) ‘a boca do animal’
- (b) *s-õtɔ s-akoa amã* (N-língua N-boca em) ‘a língua está na boca’
- (c) *mara Ø-te* (ele c-perna) ‘a perna dele’
- (d) *mara hẽ rōkre i-te* (ele ERG coçar N-perna) ‘ele coçou a perna’
- (e) *mara Ø-sua* (ele c-dente) ‘os dentes dele’
- (f) *nōpiō Ø-sua* (três N-dente) ‘três dentes’

Timbira (Canela) (dados de Popjes & Popjes 1986, *passim*)

- (g) *ku-te ampɔ j-apror* (N-ERG coisa C-comprar) ‘ele comprou alguma coisa’
- (h) *ku-te h-apror* (N-ERG N-comprar) ‘ele (o) comprou’
- (i) *pjen ts-om* (areia C-grão) ‘grãos de areia’
- (j) *h-om* (N-grão) ‘grãos’
- (k) *Kapi Ø-tɔ* (Capi c-olho) ‘o olho de Capi’
- (l) *i-ntɔ* (N-olho) ‘o olho dele’

Ramo meridional da família Jê. Em Kaingáng (dialeto do Paraná), a quase totalidade das raízes não apresenta variação morfológica em seu início; há, entretanto, dezesseis raízes que têm dois alomorfes, um começado por

ja- e o outro por *ʔẽ-*: *japry* ~ *ʔẽpɾy* ‘caminho’ (Wiesemann 1971 e 1972). O primeiro alomorfe ocorre quando as palavras constituídas por essas raízes são determinadas pelo nome de um possuidor: *kanhgâg japry* ‘o caminho do índio’, mas *ʔẽpɾy nũ* ‘pelo caminho’. A luz dos fatos do Timbira e do Panará e considerando que o som oclusivo glotal do Kaingáng pode ser tratado como um acréscimo automático nas palavras que fonologicamente começam por vogal (Cavalcante 1988), o alomorfe *japry* pode ser analisado como *j-apɾy* e o outro alomorfe como *∅-ẽpɾy*. Os prefixos assim identificados poderiam ser sobrevivências de um sistema de flexão relacional, que teria existido em pré-Kaingáng:

pré-Kaingáng

	Classe I	Classe II
1. Contiguidade	*∅	*j-
2. Não contiguidade	*∅	*∅-

Ramo central da família Jê. Em Xavante podem ser distinguidas duas classes de raízes de nomes e de verbos intransitivos, com comportamentos morfofonológicos diferentes, uma majoritária e a outra minoritária, aquela mais simples, esta mais complexa. Os nomes com raízes da classe majoritária, quando em construções genitivas, associam-se aos marcadores de pessoa e a determinantes nominais sem sofrer nenhuma alteração em sua consoante inicial (cf. Hall, McLeod & Mitchell 1987:408): *ʔi: bābā* ‘meu pai’, *ʔaj bābā* ‘teu pai’, *wa: bābā* ‘nosso (incl.) pai’, *ti bābā* ‘seu próprio pai’, *ʔi bābā* ‘o pai dele’, *da bābā* ‘pai de alguém’, *ʔajbə bābā* ‘o pai do homem’. Mas os nomes com raízes da classe minoritária alternam os fonemas *ts* [*tʃ*, *ts*, *s*] e *dz* [*ɟ*, *dz*, *z*] ou *ts* e *ɲ* segundo os determinantes que os precedem: o fonema surdo *ts* ocorre somente após os marcadores de segunda e terceira (não correferente) pessoas, ao passo que os sonoros *dz* e *ɲ* aparecem depois dos marcadores de primeira pessoa (singular e não singular), de terceira pessoa correferente do sujeito da oração e de possuidor humano indefinido, assim como depois de sintagmas nominais: *ʔa tsɛɛ* ‘teu cabelo’, *ʔi tsɛɛ* ‘cabelo dele’, mas *ʔi: dzɛɛ* ‘meu cabelo’, *wa: dzɛɛ* ‘nossos cabelos’, *ti dzɛɛ* ‘seu próprio cabelo’, *da dzɛɛ* ‘cabelo de alguém’, *ʔajbə dzɛɛ* ‘cabelo do homem’; analogamente, *ʔa tsitsi* ‘teu nome’, *ʔi tsitsi* ‘nome dele’, mas *ti ɲitsi* ‘meu nome’, *wa: ɲitsi* ‘nossos nomes’, *ti ɲitsi* ‘seu próprio nome’, *da ɲitsi* ‘nome de alguém’, *ʔajbə ɲitsi* ‘nome do homem’.

Como se vê, ao passo que *ts* é constante após os marcadores *ʔa* e *ʔi*, depois dos demais marcadores e de determinantes nominais *dz* ocorre diante de vogais orais e *ɲ* diante de vogais nasais, estando estes, assim, em distribuição complementar. Isso sugere que num estágio histórico anterior o Xavante tivesse **j*, que passou a realizar-se como *ɲ* diante de vogais nasais e como *dz* diante de vogais orais. Este **j*, que ocorria quando um determinante

nominal precedia imediatamente o determinado, corresponderia ao prefixo 1 (de contiguidade) *j-* do Panará e do Timbira, assim como ao **j-* do pré-Kaingáng. Os marcadores de primeira pessoa (singular e não singular), de terceira correferente e de possuidor humano indefinido são pronomes (e não prefixos) e por isso constituem determinantes sintáticos que provocam a manifestação do marcador de contiguidade: *?i: dz-εε*, *wa: dz-εε*, *ti dz-εε*, *da dz-εε*, analogamente aos nomes, como em *?ajbə dz-εε*. Já o prefixo 2 (marcador de não contiguidade) seria uma consoante africada coronal surda, realizada no Xavante atual como *ts-* ou *tf-*, segundo os dialetos. Entretanto, o que se pode depreender da comparação dos paradigmas do Xavante com os do Panará e do Timbira, é que as formas já flexionadas com esse prefixo, que correspondem à classe II, passaram a receber, por analogia com a classe I, o alomorfe dessa classe, como se fossem palavras simples: **ts-εε > ?i-tσεε*. A forma de segunda pessoa, com o prefixo *a-*, teria ficado sendo a única em que o prefixo precedia imediatamente o tema (**?a-εε*), aparentemente irregular, e teria sido substituída por *?a-tσεε*.

Com base nessas hipóteses, o sistema relacional do pré-Xavante, antes dessas ações da analogia, teria tido os seguintes paradigmas:

pré-Xavante		
	Classe I	Classe II
1. Contiguidade	<i>*∅-</i>	<i>*j-</i>
2. Não contiguidade	<i>*ʔ-</i>	<i>*ts-</i>

Família Ofayé. Embora os dados disponíveis para o Ofayé sejam bastante fragmentários (Gudschinsky 1974), podemos distinguir duas classes de palavras, começada uma por vogal e a outra por consoante, com alomorfes específicos para assinalar a contiguidade do determinante, como se vê nos seguintes exemplos:

- (a) *pikitin f-εñfih* (jacaré c-coração) ‘o coração do jacaré’ (Gudschinsky 1974:210)
- (b) *h-εñfih* (N-coração) ‘o coração’ (Gudschinsky 1974:194)
- (c) *pien f-εfih* (água c-frio) ‘a água está fria’ (Gudschinsky 1974:226)
- (d) *h-εfih* (N-frio) ‘está frio’ (Gudschinsky 1974:226)
- (e) *pe?kren ∅-kite?* (pássaro c-ovo) ‘o ovo do pássaro’ (Gudschinsky 1974:210)
- (f) *i-kite* (N-ovo) ‘o ovo dele’ (Gudschinsky 1974:239)
- (g) *hihpar ∅-ha?* (mandioca c-casca) ‘casca de mandioca’ (Gudschinsky 1974:210)
- (h) *i-ha?* (N-casca) ‘a casca dela’ (Gudschinsky 1974:240)

Com base em dados como esses, depreende-se para o Ofayé um padrão flexional análogo ao do Tupí-Guaraní e ao do Panará e do Timbira:

Ofayé

	Classe I	Classe II
1. Contiguidade	\emptyset -	f-
2. Não contiguidade	i-	h-

Família Karajá. Também em Karajá há nomes que se flexionam por prefixos segundo esteja contíguo ou não o seu determinante (cf. Ribeiro 1995, 2000). Distinguem-se nesta língua por esse critério três classes de palavras, uma delas correspondendo à classe I das línguas acima examinadas e as outras duas correspondendo à classe II. Essas duas designaremos por Π_1 e Π_2 . Observem-se os seguintes paradigmas:

	Classe I	Classe Π_1	Classe Π_2
	‘testa’	‘canoa’	‘mão’
‘minha...’	wakɔrv	walawəkɔ	wadɛbɔ
‘tua...’	akɔrv	alawəkɔ	ɛbɔ
‘sua própria...’	ɗakɔrv	ɗalawəkɔ	ɗɛbɔ
‘... dele’	ikɔrv	hawəkɔ	ɗɛbɔ
‘... do homem’	habu kɔrv	habu lawəkɔ	habu ɗɛbɔ

Os respectivos prefixos flexionais são os seguintes:

Karajá

	Classe I	Classe Π_1	Classe Π_2
1. Contiguidade	\emptyset -	l-	d-
2. Não contiguidade	i-	h-	ɗ-

Além de d- em vez de l- como prefixo 1, a subclasse Π_2 difere da Π_1 por apresentar o prefixo ɗ- em vez de h- como prefixo 2 e \emptyset - em vez de a- como prefixo para a segunda pessoa. Neste último caso deve-se admitir simplesmente assimilação de a à vogal inicial do tema (*a-ɛ > ɛ-ɛ) e subsequente contração das duas vogais idênticas (ɛɛ > ɛ). O mesmo ocorre também quando a vogal inicial do tema é ɔ (*a-ɔ > *ɔ-ɔ > ɔ), como em ɔɔɗɔ ‘tua língua’ em confronto com habu ɗɔɔɗɔ ‘língua do homem’. O mesmo processo de assimilação e subsequente contração vê-se também nas formas para a terceira pessoa correferente: *ɗa-ɛbɔ > *ɗɛ-ɛbɔ > ɗɛbɔ ‘sua própria mão’, *ɗa-ɔɔɗɔ > *ɗɔ-ɔɔɗɔ

> *dɔrɔdɔ* ‘sua própria língua’. Assim sendo, a diferença entre as subclasses Π_1 e Π_2 consiste essencialmente na alomorfia *l- ~ d-* para o prefixo 1 (contiguidade) e *h- ~ d-* para o prefixo 2 (não contiguidade).

Família Maxakalí. A língua Maxakalí não distingue duas classes lexicais com respeito à flexão relacional, mas flexiona todos os nomes e verbos em conformidade com o paradigma da classe I das outras línguas examinadas aqui, com \emptyset marcando a contiguidade do determinante e $\text{ʔ} \sim \text{ʔ}$ marcando a não contiguidade, como se pode ver nos exemplos abaixo (exs. (a)-(d) de Pereira 1992, *passim*; ex. (e) de Popovich 1971:32):

- (a) *pɪtʃap* \emptyset -*tʃɪpɛp* (pato c-chegar) ‘o pato chegou’
 (b) *ʔɪ-tʃɪpɛp* *pɪtʃap* (N-chegar pato) ‘chegou o pato’
 (c) *ihã tihik* \emptyset -*tʃɪpɛp* *tɪ te pɛjõŋ* \emptyset -*mãhã* (quando homem c-chegar ele ERG feijão c-comer) ‘quando o homem chegou, ele comeu feijão’
 (d) *kaktʃop* *te ʔ-mãhã* *mɪtaʔ* (criança ERG N-comer fruta) ‘a criança comeu uma fruta’
 (e) *ha ʔ-pe ʔmõŋ ʔatʃaʔ* (e N-atrás N-ir EVID) ‘é verdade que ela [a lua] foi atrás dele [o sol]’

Parece que o Maxakalí terá fundido numa só as duas classes de palavras, com prevalência da classe I:

Classe única (= I)

1. Contiguidade \emptyset
 2. Não contiguidade $\text{ʔ} \sim \text{ʔ}$

Família Karirí. Em sua gramática da língua Kirirí ou Kipeá, Mamiani (1877[1699]:8-12) distinguiu cinco “declinações” dos nomes, verbos e preposições, conforme as formas dos pronomes com que eles se combinam. Como base para a discussão que se segue, apresento os paradigmas das quatro primeiras:

	1 ^a .	2 ^a .	3 ^a .	4 ^a .
	<i>padzu</i> ‘pai’	<i>ambé</i> ‘paga’	<i>ebaja</i> ‘unha’	<i>bate</i> ‘morada’
‘meu/minha’	<i>hipadzu</i>	<i>hiambe</i>	<i>hidzebaja</i>	<i>hibate</i>
‘teu/tua’	<i>epadzu</i>	<i>ejambe</i>	<i>edzebaja</i>	<i>ebate</i>
‘nosso/nossa (incl.)’	<i>kupadzu</i>	<i>kambe</i>	<i>kebaja</i>	<i>kubate</i>
‘seu/sua próprio/a’	<i>dipadzu</i>	<i>dambe</i>	<i>debaja</i>	<i>dibate</i>
‘dele/dela’	<i>ipadzu</i>	<i>sambe</i>	<i>sebaja</i>	<i>sibate</i>

Os paradigmas da 2^{a.} e da 3^{a.} “declinações” sugerem a interpretação dos marcadores de primeira e segunda pessoas como palavras pronominais em contraste com os demais marcadores, os quais são prefixos flexionais. Os temas dessas duas “declinações” recebem um prefixo para assinalar a contiguidade do determinante só quando este é uma palavra pronominal, isto é, um sintagma nominal. Com essa interpretação, os quatro paradigmas podem ser apresentados assim:

	1 ^{a.}	2 ^{a.}	3 ^{a.}	4 ^{a.}
	<i>padzu</i> ‘pai’	<i>ambé</i> ‘paga’	<i>ebaja</i> ‘unha’	<i>bate</i> ‘morada’
‘meu/minha’	<i>hi Ø-padzu</i>	<i>hi j-ambe</i>	<i>hi dz-ebaja</i>	<i>hi Ø-bare</i>
‘teu/tua’	<i>e Ø-padzu</i>	<i>e j-ambe</i>	<i>e dz-ebaja</i>	<i>e Ø-bate</i>
‘nosso/nossa (incl.)’	<i>ku-padzu</i>	<i>k-ambe</i>	<i>k-ebaja</i>	<i>ku-bate</i>
‘seu/sua próprio/a’	<i>di-padzu</i>	<i>d-ambe</i>	<i>d-ebaja</i>	<i>di-bate</i>
‘dele/dela’	<i>i-padzu</i>	<i>s-ambe</i>	<i>s-ebaja</i>	<i>si-bate</i>

hi j-ambe, em vez de *hiambe*, na 2^{a.} declinação, é estabelecido por analogia com a 3^{a.} declinação: *e dz-ebaja* está para *hi dz-ebaja* assim como *e j-ambe* está para *x*, donde *x = hi j-ambe*. A perda de *j* teria sido condicionada por sua ocorrência imediatamente após a vogal alta homorgânica *i* (*hi jambe > hiambe*). Em confronto com os paradigmas da flexão relacional das outras línguas já examinadas, percebe-se que o Kipeá deve ter tido também essa flexão, com seus temas distribuídos basicamente nas classes I e II distinguidas pelos alomorfes dos prefixos 1 e 2:

Kipeá

	Classe I	Classe II
1. Contiguidade	Ø-	<i>j- ~ dz-</i>
2. Não contiguidade	<i>i- ~ si-</i>	<i>s-</i>

Nenhum condicionamento é perceptível para a alternância entre *j-* e *dz-*, pois ambos esses alomorfes podem ocorrer diante das mesmas vogais (p. ex., *e j-era* ‘tua casa’). O alomorfe *si-* do prefixo 2 na 4^{a.} declinação, que é um paradigma lexicalmente minoritário, aparenta um cruzamento de base analógica entre *s-* da classe II e *i-* da classe I. Embora todos os temas da classe II (*i.* é, da 2^{a.} e da 3^{a.} declinações) comecem por vogal, há temas começados por vogal também na 1^{a.} declinação, logo na classe I: *i-ɲa* ‘a tia dele’, *i-ebeja* ‘a canela da perna dele’. É possível que esses temas tenham começado por um som oclusivo glotal (*i-ʔaɲa*, *i-ʔebeja*), um som (e possível fonema) que não foi registrado por Mamiani.

As línguas da família Karirí devem ter experimentado, no passado, um remanejamento fundamental de sua organização sintática, mudando a ordem básica dos constituintes frasais: de SOV para VS, de Núcleo-Posposição para Preposição-Núcleo e de Possuidor-Possuído para Possuído-Possuidor, entre outras coisas (v. Rodrigues 1999:187-190). Com essas mudanças desapareceram quase todos os contextos em que um determinante precedia imediatamente o determinado. Na relação de posse, só os pronomes pessoais de 1^a. e 2^a. pessoas continuaram precedendo imediatamente os nomes possuídos e mantendo um contexto para manifestação do prefixo 1 ; quando o possuidor é um nome, este segue o possuído, o qual é então naturalmente marcado pelo prefixo 2 (não contiguidade), uma vez que seu determinante não mais lhe está contíguo: *s-erá karáí* (2-casa homem.branco) ‘a casa do homem branco’.

Família Boróro. O Boróro oriental, que é a língua melhor conhecida da família, não estabelece nenhuma distinção morfológica entre nomes determinados contiguamente e não contiguamente:

- (a) *Kuruiedi u-mana* (K. dele-irmão) ‘o irmão de Kuruiedy’
- (b) *u-mana* (dele-irmão) ‘o irmão dele’

O prefixo *u-* (e seus alomorfes) tem sido, com boa razão sincrônica, reconhecido como marcador de 3^a. pessoa singular ao lado dos demais prefixos pessoais: *i-* ‘1^a. singular’, *a-* ‘2^a. singular’, *pa-* ‘1^a. inclusiva’, *tʃe-* ‘1^a. exclusiva’, *ta-* ‘2^a. plural’, *e-* ‘3^a. plural’, *tʃi-* ‘3^a. correferencial’, *pu-* ‘3^a. recíproca’ (Crowell 1979:206). Assim, *u-* não é um prefixo relacional como o das outras línguas aqui examinadas e o Boróro não marca a distinção entre contiguidade e não contiguidade do determinante. Não obstante isso, a flexão pessoal desta língua revela uma semelhança com a das línguas da família Jê. Por um lado, seus marcadores pessoais de 1^a., 2^a. singular e 1^a. inclusiva são homófonos dos do Timbira: *i-*, *a-* e *pa-*, respectivamente. Por outro lado, a alomorfia do prefixo *u-* ‘3^a. singular’ do Boróro inclui os alomorfes *i*, *ɕ* e *ø*, que são mais comparáveis aos alomorfes *i-* e *ø-* do prefixo 1, marcador de não contiguidade, do Timbira. Além disso, em Boróro, entre os marcadores de pessoa, com exceção da 3^a. singular e da 3^a. correferencial, e algumas classes de temas que começam por vogal, é inserida uma consoante, a qual é uma oclusiva velar quando a vogal inicial do tema é anterior e uma alveolar (em geral oclusiva, mas em algumas palavras uma nasal) quando a vogal inicial do tema é posterior (Crowell 1977:164-66, 1979:207-209). Essas consoantes podem ter-se originado historicamente de um prefixo **j-* (v. Rodrigues 1993 para a plausibilidade de *j > k* e *j > t*), comparável ao prefixo 1 do Timbira, como se pode ver na seguintes formas paralelas:

Boróro	Timbira	
<i>i-n-o</i>	<i>i j-õ</i>	‘meus pertences’
<i>a-k-o</i>	<i>a j-õ</i>	‘teus pertences’
<i>pa-g-o</i>	<i>pa j-õ</i>	‘nossos (incl.) pertences’
\emptyset -o	<i>h-õ</i>	‘os pertences dele’

Esse paralelismo é uma indicação de que, num estado anterior da língua Boróro, as consoantes inseridas podem ter sido, como no Timbira, o marcador de contiguidade (prefixo 1) e que o prefixo \emptyset (e seus alomorfes) podem ter sido o marcador de não contiguidade, como o prefixo 2 do Timbira, *h-* (o Boróro atualmente não tem um fonema *h*, nem tem vogais nasais). O reflexo do padrão original de flexão relacional na morfologia do Boróro pode ser assim apresentado:

	Classe I	Classe II
1. Contiguidade	\emptyset -	<i>k-/g-, t-/d-/n- (< *j-)</i>
2. Não contiguidade	<i>u-, i-, dʒ-, \emptyset-</i>	\emptyset -

Como no Kipeá da família Karirí, a situação de contiguidade no Boróro está restrita à presença das palavras pronominais. Estas palavras, que são chamadas “pronomes presos” por Crowell (1979:206), têm na verdade o status de palavras pronominais (formas livres), visto que ocorrem independentemente como bases para os marcadores de aspecto e de negação:

- (c) *a-re karo bi* (2^a.sg.=NEUTRO peixe colocar) ‘você colocou o peixe’ (Crowell 1979:88)
- (d) *a-ka=re karo bi* (2^a.sg.=NEG=NEUTRO peixe colocar) ‘você colocou o peixe’ (Crowell 1979:69)
- (e) *a-mëdi-ka=re bai poro mi* (2^a.sg.=HIPOT=NEG=NEUTRO casa buraco fechar) ‘você não devia fechar a porta’
(A marca = foi introduzida por mim.)

Referências

- Cavalcante, M. P. (1987) Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas.
- Crowell, T. (1977) The phonology of Boróro verb, postposition and noun paradigms. *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 2:157-178. Rio de Janeiro.
- Crowell, T. (1979) A grammar of Bororo. Tese de doutorado, Cornell University, Ithaca, New York.

- Gudschinsky, S. C. (1974) Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta. *Série Lingüística* 3:177-249. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Hall, J. R. A. McLeod & V. Mitchell (1987) *Pequeno dicionário Xavánte-Português Português-Xavánte*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Mamiani, L. V. (1877[1699]) *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam Kiriri*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- Pereira, D. G. (1992) Alguns aspectos gramaticais da língua Maxakali. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Popjes, J., & J. POPJES (1986). Canela-Krahô. In: D. C. Derbyshire & G. K. Pullum (orgs.), *Handbook of Amazonian Languages* 1:128- 199. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Popovich, H. (1971) The Sun and the Moon, a Maxakali text. In: *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Edição especial. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Ribeiro, E. R. (1995) Classes verbais em Karajá. Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL, *Lingüística*, vol. 2:1025-1038. João Pessoa: ANPOLL.
- Ribeiro, E. R. (2000) Adjectival meanings in Karajá. Trabalho de curso, ms., Universidade de Chicago, Chicago.
- Rodrigues, A. D. (1986) *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- Rodrigues, A. D. (1993) Uma hipótese sobre flexão de pessoa em Bororo. *Anais, 45ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, p. 505. Recife.
- Rodrigues, A. D. (1999a) Tup'. In: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.), *The Amazonian Languages*, pp. 107-124. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rodrigues, A. D. (1999b) Macro-Jê. In: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.), *The Amazonian Languages*, pp. 164-206. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wiesemann, U. (1971) *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Wiesemann, U. (1972) *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*. Haia: Mouton.